

LIMA BARRETO NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA ATIVIDADES DE CARÁTER EMANCIPADOR

Angélica dos Santos Freire¹
Adéle Cristina Braga de Araújo²
Fabiano Geraldo Barbosa³
Francisca Maurilene do Carmo⁴

RESUMO

No alvorecer do Brasil republicano, o escritor Lima Barreto empreendeu inúmeras produções literárias, transitando entre os diversos gêneros e expressando a realidade concreta do seu tempo. Ao imprimir em seus escritos tantas problemáticas de uma sociedade que se pretendia moderna, civilizada, mas que intensificava as marcas da desigualdade, o autor se configurou como um triste visionário, pois as suas críticas continuam tendo grande relevância para refletirmos sobre a nossa sociedade. Nesse sentido, apresentamos como objetivo do presente estudo, alinhar os escritos de Lima Barreto no rol das atividades educativas emancipadoras, à luz do materialismo histórico e dialético, como possibilidades de introduzi-las ao cotidiano escolar. Apontamos a literatura de Lima Barreto como conteúdo das atividades educativas emancipadoras na educação escolar, tomando como referenciais teóricos: Marx (2010), Lukács (2013; 2023) e Tonet (2012; 2022; 2024). Compreendemos, portanto, que as atividades de caráter emancipador podem se articular ao horizonte da emancipação humana.

Palavras-chave: Literatura; Lima Barreto; Emancipação Humana.

LIMA BARRETO IN THE SCHOOL: CONTRIBUTIONS OF LITERATURE TO EMANCIPATORY ACTIVITIES

ABSTRACT

In the dawn of Republican Brazil, the writer Lima Barreto undertook countless literary productions, transitioning between diverse genres and expressing the concrete reality of his time. By embedding in his writings so many problematic issues of a society that intended to be modern and civilized, yet intensified the marks of inequality, the author established himself as a sad visionary, as his critiques remain highly relevant for reflecting on our present society. In this context, the objective of the present study is

¹ Doutoranda em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: angelica.freire@yahoo.com.br. Orcid: 0000-0002-3524-2427.

² Doutora em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). E-mail: adele.araujo@ifce.edu.br. Orcid: 0000-0002-0386-4053.

³ Doutor em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF – IFCE/UNILAB). E-mail: fabiano.barbosa@ifce.edu.br. Orcid: 0000-0002-9303-9523.

⁴ Doutora em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGE/UFC). E-mail: fmcmoura@ufc.br. Orcid: 0003-0635-040X.

to align Lima Barreto's writings within the scope of emancipatory educational activities, viewed through the lens of historical and dialectical materialism, as possibilities for their introduction into the school routine. We propose Lima Barreto's literature as content for emancipatory educational activities in formal schooling, drawing on the theoretical frameworks of Marx (2010), Lukács (2013; 2023), and Tonet (2012; 2022; 2024). We thus understand that activities of an emancipatory nature can articulate with the horizon of human emancipation.

Keywords: Literature; Lima Barreto; Human Emancipation.

INTRODUÇÃO

A literatura, como expressão da arte, apresenta-se como um fenômeno imprescindível ao processo de formação humana dos indivíduos. Configura-se em uma ferramenta que aguça a imaginação, possibilita a sensibilização dos sentidos humanos, a partilha de novos conhecimentos, entre inúmeras outras capacidades. Neste estudo, além de todos esses elementos que a literatura pode alcançar, buscamos refletir sobre o seu uso na educação escolar, especialmente sob um viés voltado para o princípio da emancipação humana.

Nesse percurso, pretendemos suscitar as problemáticas que partem em torno das atividades educativas emancipadoras em diálogo com a literatura limabarretiana, considerando as suas potencialidades para serem desenvolvidas no solo da educação escolar, compreendendo, também, a sua influência sobre a formação docente pelo viés literário. Pontuamos, portanto, alguns questionamentos: como a literatura, enquanto expressão da arte e patrimônio cultural da humanidade, pode se constituir um elemento orgânico à educação escolar e, no esteio da formação docente, pode se articular ao horizonte da emancipação humana? Quais as possibilidades de usos dos contos do escritor Lima Barreto, para a efetivação das atividades educativas de caráter emancipador?

Nesse sentido, apresentamos como objetivo alinhar os escritos de Lima Barreto no rol das atividades educativas emancipadoras (Tonet, 2014), como possibilidades de introduzi-las ao cotidiano escolar que, mesmo sob a vigência da sociedade capitalista, apontam para uma relação entre educação e sociedade que se volte para o horizonte da emancipação humana.

No primeiro tópico procuramos apresentar, de maneira sucinta, um pouco do cenário no qual Lima Barreto se constitui como um escritor e quais as inspirações para a criação dos seus personagens. Desse modo, torna-se relevante historicizar o processo de constituição do Rio de Janeiro nas primeiras décadas da República brasileira. Em seguida, buscamos, a partir do materialismo histórico e dialético, discutir as possibilidades de atividades educativas emancipadoras no contexto da educação escolar, apontando a literatura de Lima Barreto como conteúdo dessa práxis.

O ALVORECER DA PRIMEIRA REPÚBLICA COMO CENÁRIO DE COMPOSIÇÃO PARA A LITERATURA DE LIMA BARRETO

Nas décadas iniciais da República brasileira, a capital federal foi palco de intensas transformações urbanas que apontavam para um modelo civilizatório inspirado na *Belle Époque*⁵ parisiense. Segundo o historiador Nicolau Sevcenko (2003), toda a transformação do espaço público que, também, se estendia ao modo de vida, seguiu alguns princípios norteadores, como negar todo elemento oriundo da cultura popular e condenar os costumes que remetiam à sociedade tradicional. Importava, nesse momento, aderir a uma política que promovia o afastamento “dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas, e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense” (Sevcenko, 2003, p. 43).

Tal planejamento buscava promover um aformoseamento da cidade a partir de um remodelamento urbano⁶, vislumbrando um ambiente propício para ser frequentado pelas populações mais ricas. Para a execução do plano, era necessário de acordo com o modelo parisiense, atingir três pontos específicos: circulação, estética e higiene. Aos executores de tal empreitada, foram destinados poderes ilimitados para seguirem com o projeto de urbanização que deveria ser efetivado a

⁵ Traduzido para a língua portuguesa como “Bela Época”, o termo faz referência ao período no qual, no início do século XX, a França vivia um momento de pleno otimismo, transformando-se em um modelo civilizatório a ser copiado em diversos lugares do mundo.

⁶ Para a execução desse remodelamento urbano na cidade do Rio de Janeiro: “Um time de técnicos foi então nomeado pelo presidente Rodrigues Alves: o engenheiro Lauro Müller para a reforma do porto, o médico sanitário Oswaldo Cruz para o saneamento e o engenheiro urbanista Pereira Passos, que havia acompanhado a reforma urbana de Paris sob o Barão de Haussmann, para a reurbanização” (Sevcenko, 1998, p. 22-23).

todo custo. Sevcenko (1998) salienta que todo o cerceamento voltava-se para a população mais pobre que ainda vivia sob os casarões da área central. Iniciou-se, portanto, um processo que culminou na demolição dessas residências sob um argumento de que elas eram um entrave para a livre circulação de uma cidade moderna. Sobre as consequências para os desabrigados, o historiador explica:

Para os atingidos pelo ato era a ditadura do “bota-abaixo”, já que não estavam previstas quaisquer indenizações para os despejados e suas famílias, nem se tomou qualquer providência para realocá-los. Só lhes cabia arrebanhar suas famílias, juntar os poucos bens que possuíam e desaparecer de cena. Na inexistência de alternativas, essas multidões juntaram restos de madeira dos caixotes de mercadorias descartados no porto e se puseram a montar com eles toscas barracões nas encostas íngremes dos morros que cercam a cidade, cobrindo-os com folhas de flandres de latões de querosene desdobrados. Era a disseminação das favelas (Sevcenko, 1998, p. 23).

Enquanto a capital republicana pretendia constituir-se moderna para corresponder aos anseios da classe dominante, consumidora desse modo de vida europeu, outro cenário distinto era construído nas áreas periféricas da cidade, sendo, portanto, palco de profundas desigualdades.

Destoando das paisagens que eram desenhadas na região central do Rio de Janeiro, os subúrbios seriam os lugares destinados à classe trabalhadora e para os demais indivíduos que não se enquadraram nos novos moldes civilizatórios abraçados pela elite.

Somente oferecendo ao mundo uma imagem de plena credibilidade era possível drenar para o Brasil uma parcela proporcional da fatura, conforto e propriedade em que já chafurdava o mundo civilizado. [...] E acompanhar o progresso significava somente uma coisa: alinhar-se aos padrões e o ritmo de desdobramento da economia europeia, onde “nas indústrias e no comércio o progresso do século foi assombroso, e a rapidez desse progresso miraculosa”. A imagem do progresso – versão prática do conceito homólogo de civilização – se transforma na obsessão coletiva da nova burguesia. A alavanca capaz de desencadeá-lo, entretanto, a moeda rutilante e consolidada, mostrava-se evasiva às condições da sociedade carioca (Sevcenko, 2003, p. 41- 42).

Tais contradições, bem como outras problemáticas experimentadas nesse alvorecer republicano foram percebidas e duramente criticadas por Lima Barreto, servindo de conteúdo para compor a sua obra literária. Em um de seus registros na obra *Os Bruzundangas*, o escritor ressalta que “de uma hora para outra, a antiga

cidade [do Rio de Janeiro] desapareceu e outra surgia como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na cousa muito de cenografia” (Barreto, 2009, p. 38).

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881 e, na data que marca a sua chegada ao mundo, havia o prenúncio de um dos acontecimentos mais emblemáticos da história do Brasil, a abolição da escravidão que ocorreria sete anos depois.

Ainda na juventude, tornou-se escritor, colaborando em diversos jornais do Rio de Janeiro e alimentando, ao longo da vida, o desejo de ser reconhecido pelas suas produções e, assim, viver da literatura. Porém, as determinações materiais lhe impulsionaram a vivenciar desafios para além dos caminhos da escrita e, diante da necessidade de ajudar majoritariamente no sustento da casa, prestou concurso para amanuense na Secretaria da Guerra, sendo nomeado em 1903. Lima Barreto não nutria identificação com o ofício que lhe cabia naquele momento, mas, nos primeiros anos de labuta, de acordo com o depoimento de Mário Galvão, “era pontual, ativo e cumpridor dos deveres. Tinha péssima letra, é verdade, mas isso não representava obstáculo irremovível ao exercício da carreira, que encetava sob tão bons auspícios” (Barbosa, 2012, 140).

Como funcionário público e, também, como morador dos subúrbios, Lima Barreto se constitui em um grande observador do cotidiano e, nessas paisagens periféricas, passa a coletar materiais fundamentais na construção dos seus enredos e dos seus personagens.

[...] era durante o trajeto percorrido todos os dias – da rua Boa Vista, no subúrbio de Todos os Santos, até a Secretaria da Guerra, que ficava na praça da República, e vice-versa – que o escritor encontrava tempo para observar os passageiros, a arquitetura de vários bairros e estações de trem, os tipos, os vizinhos, a “aristocracia suburbana”, os funcionários públicos como ele, os estudantes, os “humilhados”, os operários, as senhoras, as moças. Mais que um percurso rotineiro, a linha da Central do Brasil virava, ela própria, personagens nos escritos de Lima. Ora como tema principal, ora como operação retórica de ambientação para a trama. O trajeto do trem era pretexto, ademais, para assinalar diferenças sociais que delimitavam classe, raça, gênero e região, singularidades que ficavam ainda mais claras quando comparadas com as da população do centro do Rio. Por fim, esse trajeto permitia caracterizar intimidade, mas também, e em certas circunstâncias, uma imensa estranheza. No trem, o escritor registrava faces, cores, expressões, costumes, personagens, recuperava os diálogos que ouvia, anotava opiniões e descrevia a paisagem observada da janela. O certo é que,

no conjunto da sua obra, ele foi elaborando uma espécie de geografia íntima e pessoal da região (Schwarcz, 2017, p. 163 - 164).

Era, portanto, sobre a vida cotidiana que o autor lançava a sua observação para expressar em sua escrita as contradições existentes na sociedade e as tensões que se revelavam em cada linha elaborada no esteio da totalidade da vida social. Para Lukács, a possibilidade do indivíduo conhecer a totalidade encontra-se na vida cotidiana, pois,

[...] a totalidade não é invenção de um filósofo, mas impõem-se, ela própria, na vida cotidiana; quando um cidadão não paga o aluguel da sua casa, a totalidade impõe-se pelas consequências que isso terá, com toda a sua força, e o pensamento marxista não fez mais do que elevar a um nível superior de pensamento esta totalidade que somos forçados a viver na vida cotidiana, quer o queiramos, quer não, quer tenhamos ou não consciência disso, quer tiremos ou não as devidas ilações (Lukács, 2021, p. 37).

O realismo, em Lukács, não se restringe a uma escola literária, mas tem como pilar a caracterização dos seus personagens na constituição de uma obra literária autêntica, que os escritores deveriam tomar “apaixonadamente posição contra os efeitos perniciosos e envilecedores da divisão capitalista do trabalho e colhessem o homem na sua essência e na sua totalidade” (Lukács, 2010, p. 21). Desse modo, Lima Barreto configura-se em um escritor autêntico, que observa e imprime as dinâmicas da sociedade em suas produções, pois “figura e critica, no plano especificamente estético, a realidade social de seu tempo” (Coutinho, 2011, p. 107).

Sobre a definição de um escritor realista, no método defendido pelo filósofo húngaro, apresentamos:

O escritor atinge um grau ainda maior de realismo, quanto mais ele consegue trazer à luz, de lá do fluxo dos fenômenos da superfície, as verdadeiras forças motrizes, do desenvolvimento social, isto é, a essência – artisticamente configurada – de um dado momento ou situação ou contexto histórico-social, relevante para a humanidade. Motivação do agir humano, formação e fixação dos tipos, representação do destino dos indivíduos retiram força e alimento do reconhecimento do seu pertencimento à totalidade, da sua recondução para dentro do quadro unitário da realidade em movimento (Oldrini, 2019, p. 166).

Nessa perspectiva, um autêntico escritor realista não falseia a realidade, mas a expressa de maneira a aprofundar-se em sua essência, não atentando apenas

às superficialidades dos problemas. Dessa forma, ao assimilar a realidade que se manifesta em sua concepção de mundo o escritor abre o caminho para considerar a realidade de maneira não preconceituosa, impedindo que se eleve entre ele e a realidade uma barreira que lhe impossibilite de alcançar a vida social (Lukács, 2010). Partindo, portanto, da identificação da obra de Lima Barreto como expressão autêntica do realismo de Lukács, lançamos a reflexão sobre: como a literatura de Lima Barreto pode se constituir parte integrante de um conteúdo escolar voltado ao horizonte da emancipação humana?

A LITERATURA DE LIMA BARRETO COMO POSSIBILIDADE PARA ATIVIDADES EDUCATIVAS EMANCIPADORAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

No contexto da educação escolar, o desenvolvimento de atividades educativas em torno da literatura, ainda que se considere todos os limites objetivos impostos pelo capital, pode vir a desempenhar um papel formativo que se volte para a emancipação humana, na medida em que se constitui o meio pelo qual os filhos da classe trabalhadora devem acessá-la. Para a transformação radical da sociedade vigente, é imprescindível que “a classe trabalhadora tenha acesso ao conhecimento historicamente sistematizado e acumulado, pois sem o patrimônio – cognitivo, tecnológico e artístico – (...) seria para ela impossível iluminar o processo de sua libertação” (Tonet, 2014).

Não se trata de uma visão idealista da educação escolar, mas, sendo a literatura uma expressão artística, salientamos que

A arte, portanto, educa o homem fazendo-o transcender à fragmentação produzida pelo fetichismo da sociedade mercantil. Nascida para refletir sobre a vida cotidiana dos homens, a arte produz uma ‘elevação’ que a separa inicialmente do cotidiano para, no final, fazer a operação de retorno. Esse processo circular produz um contínuo enriquecimento espiritual da humanidade (Frederico, 2000, p. 35, grifo do autor).

Há, no entanto, que se considerar a categoria da possibilidade como um elemento constituinte do real e da própria história. Ou seja, ainda que se reconheçam os limites da ação educativa no contexto escolar, sobretudo quanto à formação do homem integral, é preciso indicar de que modo, ao atuar na transmissão do

conhecimento historicamente produzido pela humanidade às gerações mais jovens, a escola pode desenvolver um processo de formação humana que se volte ao horizonte da emancipação.

No contexto de possibilidades de engrandecimento do gênero humano por meio da arte, refletimos sobre o acesso dos filhos da classe trabalhadora à literatura, destacando, também, a discussão em torno de uma formação docente que impulse tal alicerce no cotidiano escolar. Na sociedade de classes, a educação atende aos interesses da classe dominante, e “discutir a natureza da práxis docente sem levar em consideração a categoria que a fundou é, do ponto de vista da ontologia do ser social, inconcebível” (Bertoldo; Santos, 2012, p. 111).

Torna-se imprescindível reafirmar a centralidade do trabalho como princípio ontológico para discutirmos a práxis docente, sobretudo no âmbito da sua formação. O trabalho diferencia-se dos complexos sociais por desempenhar a função de produzir a riqueza material que possibilita a existência humana. Tais complexos sociais, como a arte, a educação, a ciência, o direito, entre outros, originam-se do trabalho, mesmo que possuam uma função própria.

Como consequência dessa posição de fundamento ontológico do ser social, o trabalho, em alguma forma específica, permanece sempre como base de qualquer forma de sociabilidade. De modo que a superação de algum modo de produção, não importando como esta se concretize, implicará, sempre, como seu pressuposto, uma mudança na forma do trabalho (Tonet, 2012, p. 52).

Ao manter uma relação de dependência ontológica, autonomia relativa e determinação recíproca com o trabalho, a educação enquanto práxis social desempenha uma função cuja essência pauta-se em “influenciar os homens para que reajam no modo socialmente desejado, e à medida em que se realiza, contribui para a continuidade do ser social” (Lima; Jimenez, 2011, p. 90-91).

Nesse sentido, é imprescindível a participação dos professores nesse decurso, pois eles devem estar munidos, em nível elevado, dos conhecimentos requisitados para a efetivação de atividades educativas de caráter emancipador que podem ser organizadas no esteio da educação escolar. Para o desenvolvimento dessas atividades, compreendem-se cinco preceitos imprescindíveis, a saber:

São eles: 1) conhecimento acerca do fim a ser atingido (a emancipação humana); 2) apropriação do conhecimento acerca do processo histórico e, especificamente, da sociedade capitalista; 3) conhecimento da natureza específica da educação; 4) domínio dos conteúdos específicos a serem analisados; 5) articulação das atividades educativas com as lutas, tanto específicas como gerais, de todos os trabalhadores (Tonet, 2014, p. 10).

É importante evidenciar que a educação em sentido amplo, sendo universal, se faz presente em todos os espaços da vida social (Lima; Jimenez, 2011). No entanto, a educação escolar, no sentido estrito, configura-se em um modo de educação que, com as suas limitações, não confere meios suficientes que perpassem pela transformação radical da sociedade capitalista. Portanto, “trata-se, então, de apresentar uma forma de propor, mesmo no interior do processo educativo (escolar), outras atividades (educativas) que possam efetivamente contribuir para a emancipação humana” (Tonet, 2014, p. 10).

Ressaltamos a importância de não abster o professor da necessidade de desenvolver uma concepção de mundo revolucionária, que trace caminhos para a construção de uma nova sociabilidade. Nesse contexto, “a escola cumpre um papel social relevante, uma vez que permite ao proletário e à classe trabalhadora em geral o acesso aos conhecimentos criados pela humanidade” (Bertoldo; Santos, 2012, p. 121).

Em todos os segmentos do espaço escolar, é essencial ao educador adquirir uma compreensão dos fenômenos sociais para “realizar atividades educativas de caráter emancipador, senão a busca individual, ou em pequenos grupos, por esse tipo de formação” (Tonet, 2014, p. 22). A despeito de todos os obstáculos que perpassam pela formação docente, é fundamental que propostas que propiciam a elevação humana sejam-lhe postas.

Para alcançar a emancipação humana, erguendo uma sociedade que se revele livre, para além das amarras do capital, Tonet (2012) acentua que, diante da existência de um patrimônio de saber acumulado, devemos lutar para acessá-lo, pois, no atual modelo de sociedade, tal acesso se organiza de forma a atender os interesses da burguesia num processo de negação à classe trabalhadora. Defendemos, portanto, a elaboração de atividades educativas emancipadoras que sustentem uma perspectiva revolucionária, possibilitando “formar indivíduos que tenham consciência de que a solução para os problemas da humanidade está na superação da

propriedade privada e do capital e na construção de uma forma comunista de sociabilidade” (Tonet, 2012, p. 62-63).

Sobre a formação dos professores, Tonet, na esteira de Marx, ressalta que o educador também precisa ser educado.

Desnecessário dizer que a figura do professor é, aqui, de suma importância, pois depende dele imprimir à sua atividade educativa esse caráter. Aqui, a célebre afirmação de Marx de que o educador tem que ser educado, ganha toda a sua importância. Por isso o domínio sólido, amplo e profundo dessa perspectiva revolucionária, que se refletirá em todos os momentos do trabalho pedagógico [...] (Tonet, 2012, p. 63).

Nessa discussão, enfatizamos que os docentes precisam acessar o conhecimento acumulado pela humanidade. Porém, para uma formação que privilegie uma educação escolar de caráter emancipador, é necessário que esse conhecimento “lhes permita compreender o processo histórico desde os seus primórdios de modo a perceber que são os homens que fazem integralmente a história” (Tonet, 2022, p. 11) e que são esses sujeitos que deverão promover uma transformação radical na construção de uma sociabilidade plenamente humana.

Assim, torna-se imprescindível refletir, no cerne das atividades educativas emancipadoras, sobre as potencialidades de uso da literatura de Lima Barreto, sobretudo na compreensão da sociedade brasileira no esteio das suas contradições, tensões e disputas.

No que se refere às suas produções literárias, Lima Barreto amadureceu a sua escrita entre os diferentes gêneros literários, como as crônicas, os contos, os romances, que eram publicados na imprensa do Rio Janeiro e, também, as suas impressões de leituras e os registros íntimos que foram publicados postumamente.

O escritor, sempre dado às ironias, apontava as suas críticas severas aos setores jornalísticos, políticos e industriais, declarando sua indignação que repercutia sobre diversas temáticas. A literatura limabarretiana discorre acerca da violência contra as mulheres, sobre a carestia de produtos de primeira necessidade, sobre o aborto, sobre o racismo, sobre as greves dos operários, sobre a corrupção que se instalava em todos os setores republicanos, sobre as distribuições de cargos políticos em troca de favorecimentos, entre outras temáticas de grande relevância.

Sugerimos, como possibilidades temáticas, alguns textos que podem ser usados em sala de aula e que apresentam condições para o desenvolvimento de uma atividade educativa emancipadora.

A obra *Os Bruzundangas*, publicada postumamente, em 1922, remete a um país fictício, no qual transbordam problemáticas que coadunam com aquelas enfrentadas pela sociedade brasileira nos anos iniciais da República, como o nepotismo, as reformas emergenciais estruturais para privilegiar os setores mais abastados, o caráter duvidoso acerca do uso do bem público, entre outros.

Os contos, *Numa e a Ninfa*⁷ e o *O poderoso dr. Matamorros*⁸, possibilitam a discussão acerca do trabalho, da política e as tensões sociais na República, compreendendo, também, as desigualdades que repercutem nas moradias que são desenhadas em uma cidade estrategicamente arquitetada para afastar os mais pobres da área central.

No texto *Sobre a carestia*, publicado em 15 de setembro de 1917, em *O Debate*, Lima Barreto denuncia os preços exorbitantes sobre os produtos de primeira necessidade, impossibilitando o acesso dos mesmos pela classe trabalhadora. O autor ainda empreende uma discussão acerca da Greve Geral ocorrida em julho de 1917, chamando a população para lutar pelos seus direitos.

Em 15 de maio de 1913, em *A voz do trabalhador*, temos a publicação do texto *Palavras de um 'snob' anarquista*, no qual lança críticas aos jornais que questionam a precariedade dos operários, enfatizando que os mesmos usufruem de altos salários. Também encontramos críticas em torno do alinhamento dos jornalistas aos grupos industriais brasileiros no contexto de um capitalismo nascente.

Em *O homem que sabia javanês*⁹ e *A matemática não falha*¹⁰, encontramos temáticas referentes sobre o trabalho e a sociedade capitalista, a educação dos corpos para o trabalho e a modernidade. Já nos contos *Um bom diretor* e *As teorias do Dr. Caruru*¹¹, podemos compreender a dinâmica da política na Primeira República, bem como uma crítica à distribuição de cargos públicos entre as classes mais ricas,

⁷ Publicado em *A Gazeta*, em 3 de junho de 1911.

⁸ Publicado em *Histórias e Sonhos*. Datado de 5 de fevereiro de 1921.

⁹ Publicado em *Gazeta da Tarde*, em 20 de abril de 1911.

¹⁰ Publicado na revista *Souza e Cruz*, em dezembro de 1918.

¹¹ Ambos publicados em *Contos argelinos*, 2ª edição de *Histórias e sonhos*, 1951.

mesmo sem apresentarem nenhuma competência ou rigor para assumirem tais cargos.

Nesse arcabouço de produções, Lima Barreto configurou-se em um triste visionário, pois, no início do século XX, apontava problemas que a sociedade atual não conseguiu superar. Nesse sentido, salientamos a importância de estudarmos a literatura desse escritor que, com toda a sua lucidez, apontou que a atual sociedade não propiciaria uma transformação real e emancipadora.

Ao discorrermos acerca da definição que abrange tais atividades, refletimos sobre o seu objetivo, cujo “caráter emancipador de qualquer atividade resultará de sua conexão, direta ou indireta, com o objetivo final, isto é, neste caso, com a construção de uma sociedade plenamente livre” (Tonet, 2014, p. 12). Sobre o entendimento de emancipação humana, compartilhamos a compreensão de Tonet que, alicerçado em Marx, ressalta que entende

[...] por emancipação humana uma forma de sociabilidade, situada para além do capital, na qual os homens serão plenamente livres, isto é, na qual eles controlarão, de maneira livre, consciente, coletiva e universal o processo de produção da riqueza material (o processo de trabalho sob a forma de trabalho associado) e, a partir disso, o conjunto da vida social (Tonet, 2014, p. 11).

Sob a mediação convergente entre as atividades educativas propostas por Tonet (2012; 2014) e o papel da escola evidenciado por Bertoldo e Santos (2012), salientamos que a formação dos professores deve perpassar pela presença da arte no solo escolar. Sendo a literatura um meio imprescindível no processo de formação humana dos indivíduos, as atividades educativas emancipadoras - a partir da leitura e da reflexão dos escritos de Lima Barreto - podem possibilitar um repertório pedagógico organicamente vinculado à construção de uma nova forma de sociabilidade, para além do aprisionamento do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a literatura a partir do materialismo histórico e dialético, nos possibilita uma reflexão acerca da dignidade humana, não reduzindo-a à superficialidade, mas tecendo um aprofundamento na busca pela essência e, diante da percepção dos fenômenos artísticos, questionar sobre o seu tempo e refletir, também, sobre o processo de humanização do indivíduo.

Compreendemos que a escola corresponde ao ambiente no qual os filhos da classe trabalhadora devem acessar o conhecimento da arte, especialmente o fenômeno da literatura como um instrumento propiciador à formação humana, sendo, também, um meio para refletir acerca da realidade concreta, suscitando questionamentos sobre a sociedade. No entanto, apenas questionar essa atual forma de sociabilidade não é suficiente, sendo necessário partir para atuações que vislumbrem a construção de uma nova forma de sociabilidade que possa saudar as potencialidades humanas em sua forma mais plena.

A proposta desenvolvida neste estudo buscou contemplar o uso da autêntica literatura do escritor Lima Barreto como uma atividade educativa emancipadora para ser organizada e efetivada no solo da educação escolar. O objetivo que atravessa tais atividades consolida-se na necessidade de proporcionar à classe trabalhadora um conhecimento para além da exposição tradicional, que lhe possibilite compreender a realidade, fazendo com que ela se perceba no centro desse processo histórico como sujeito de caráter revolucionário que pode transformar radicalmente esse modelo de sociedade.

Para a efetivação das atividades educativas emancipadoras, é necessário que os professores, em seu processo formativo, tenham acesso a um conhecimento revolucionário, permitindo que essas atividades cumpram o seu objetivo com vistas a emancipação humana que, entre tantas conquistas, visa assegurar à classe trabalhadora o acesso ao patrimônio produzido e acumulado pela humanidade ao longo do tempo. No sustentáculo no qual este estudo se fundamenta, compreendemos que a literatura pode promover a elevação da consciência sensível do ser social, sempre que se constitua conteúdo educativo de engrandecimento e mediadora para a formação humana.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto** / Francisco de Assis Barbosa; notas de revisão de Beatriz Resende. – 10ª ed. – Rio de Janeiro. José Olympio, 2012.

BARRETO, Lima. **Os bruzundangas**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

BARRETO, Lima. **Contos Completos** / Lima Barreto ; organização Lilia Moritz Schwarcz. – São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

BERTOLDO, Edna; SANTOS, Mônica. Trabalho docente e luta de classes. In: **Trabalho, educação e formação humana frente à necessidade histórica da revolução** / Edna Bertoldo, Luciano Accioly Lemos Moreira, Susana Jimenez (organizadores). – São Paulo : Instituto Lukács, 2012.

COUTINHO, Carlos Nelson. O significado de Lima Barreto em nossa literatura. In: **Cultura e sociedade no Brasil: ensaio sobre ideias e formas**. 4.ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

FREDERICO, Celso. Cotidiano e arte em Lukács. **Estudos avançados**, v. 14, 2000.

FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács** / Celso Frederico. -1ªed.- São Paulo: Expressão Popular, 2013.

LIMA, Marteano Ferreira de; JIMENEZ, Susana Vasconcelos. O complexo da educação em Lukács: uma análise à luz das categorias trabalho e reprodução social. **Educação em revista**, v. 27, p. 73-94, 2011.

LUKÁCS, György. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LUKÁCS, György **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, György. O espírito europeu. **Verinotio–Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**-ISSN 1981-061X, v. 27, n. 1, p. 9-39, 2021.

LUKÁCS, György. **Estética: a peculiaridade do estético**, volume 1 / György Lukács; tradução Nélcio Schneider. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2023.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

OLDRINI, Guido. **Os marxistas e as artes: princípios de metodologia crítica marxista** / Guido Oldrini; tradução de Mariana Andrade. – Maceió: Coletivo Veredas, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. Lília Moritz Schwarcz. – 1ª ed. - São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: **História da vida privada no Brasil** / coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais ; organizador do volume: Nicolau Sevcenko. – São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República / Nicolau Sevcenko. – 2ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

TONET, Ivo. Educação e Revolução. In: **Trabalho, educação e formação humana frente à necessidade histórica da revolução** / Edna Bertoldo, Luciano Accioly Lemos Moreira, Susana Jimenez (organizadores). – São Paulo : Instituto Lukács, 2012.

TONET, Ivo. Atividades educativas emancipadoras. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 9–23, 2014. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.9i1.0001. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/5298>. Acesso em: 11 dez. 2024.

TONET, Ivo. A Formação de Professores e a Possibilidade da Emancipação Humana. **Revista GESTO-Debate**, v. 3, n. 01-04, 19 set. 2022.